

se saiba, a adscrição na tribo Galéria das cidades que fundou. Além disso, a referência à tribo *Camilia*, do senador *Caius Caetronius Miccio* (p. 199), não vem a propósito, uma vez que, homenageado pelos *cives Romani qui negotiantur Bracaraugusta*, ele foi certamente aí enviado pelo imperador Cláudio, em 42-44, na sua qualidade de *praefectus reliquorum exigendorum populi Romani*, para obter o pagamento de dívidas em atraso, conforme explicitou Géza Alföldy<sup>10</sup>.

Temas específicos, portanto, como se disse, mas que podem, pela profundidade com que são abordados, permitir, além do mais, adequada comparação com o que se passa na zona ocidental da Península Ibérica, para que, um dia, não haja apenas ‘quatro perspectivas’ sobre a «Hispania e a Epigrafia Romana», mas muitas mais, resultantes de amplos projectos de investigação internacionais e globalizantes.

José d’Encarnação

Marco ROSSI, Alessandro ROVETTA (eds.), *Pinacoteca Ambrosiana*. Tomo quinto: *Raccolte archeologiche – Sculture*, Milano, Mondadori Electa, 2009, ISBN: 978-88-370-2876-3

Antes do catálogo propriamente dito, inclui este tomo quatro contributos que visam enquadrar histórica e culturalmente os objectos que vão ser catalogados. Assim, António Sartori refere-se a «La “raccolta” archeologica dell’Ambrosiana» (p. 13-25); Alessandro Rovetta tece considerações acerca dos «calchi in gesso dell’Accademia di Scultura» (p. 26-30); Fernando Mazzola historia como se formou «La collezione De Pecis. Le sculture e il «Gabinetto de’bronzi dorati»» (p. 31-38); e Giorgio Zanchetti, em «In luogo più sacro e lusinghiero» (p. 39-49), alude às «occasioni per la scultura in Ambrosiana tra la fine del Settecento e il Novecento».

Divide-se o catálogo em quatro partes: raccolte archeologiche (p. 51-142); sculture dall’età medioevale al Settecento (p. 143-222), sculture dal Neoclassicismo al Novecento (p. 223-366), collezioni partico-

lari (p. 367-430). No final (p. 432 e ss.), a bibliografia geral.

A simples enumeração do conteúdo, sobretudo se tivermos em conta que são incluídas 1935 fichas, mostra a real importância documental deste volume.

E não deixa de ser bem elucidativo o «saggio introduttivo» de A. Sartori pelas informações que globalmente adianta, nomeadamente sobre o historial da colecção e dos seus responsáveis ao longo dos anos, terminando por afirmar:

«Muto deposito comunque, non certamente esposizione perché esclusa ai visitatori, e neppure collezione ragionata, finché non corredata di un supporto esplicativo: che è quanto la presente schedatura si è ripromessa di fare, con la speranza di qualche congruità di risultati» (p. 19). Por estas simples linhas se compreende, desde logo, portanto, o grande alcance do trabalho de identificação levado a efeito, principalmente para os epigrafistas, que assim ficam a dispor, em relação a cada epígrafe aí guardada, do imprescindível conjunto de informações que lhes interessa para estudos ulteriores, como se verá já de seguida.

António Sartori apresenta depois — com Fernando Mazzocca, Alessandro Rovella e

9. É a tribo de *Suasa Senorum*, na Úmbria.

10. «Um “cursus” senatorial de *Bracara Augusta*», *Revista de Guimarães* 76, 3-4, 1966, 363-372. Ver também: *CIL* II, 2423 = *AE* 1966, 186 = *AE* 1967, 222.

Giorgio Zanchetti — circunstanciado catálogo dos monumentos epigráficos, que vão desde o nº 1514 ao 1600.

Sem luxos, são de cada epígrafe apresentados: expressiva foto, a permitir fácil leitura e análise, indicação de proveniência (quando identificável), descrição e circunstanciado comentário paleográfico e histórico de integração.

Um manancial que, assim, fica ao dispor dos epígrafistas e que pode, por isso, suscitar comparações e comentários.

Interessou-me, por exemplo, o altar funerário encimado com uma ampla pinha esculpida (nº 1560), dedicado pelo liberto *P. Iulius Senna* ao seu senhor *P. Iulius Macedo*, cuja actividade mercantil vem explicitada: *Macedo* foi *negotiator sagarius e pellicarius*, ou seja, negociava em vestimentas de lã (o *sagum* [saio] era, como se sabe, feito de lã grosseira) e de coiro. A Sartori discorre sobre se o *cognomen Macedo*, de clara conotação geográfica, implicará a naturalidade macedónica, hipótese que considera não obrigatória; contudo, não deixa de ser interessante, nomeadamente para o público português, aperceber-se que este nome romano acabou por dar origem, nessa forma de nominativo, ao apelido Macedo, tão vulgar na língua portuguesa.

Muitas placas funerárias de pequenas dimensões, destinadas mui verosimilmente a figurar em columbários, dão conta de um quotidiano infeliz: alguém viveu somente 7 anos, 1 mês e 14 dias (nº 1567 - *CIL* VI, 30639/5); *Fortunata*, por seu turno, acabou por não fazer jus ao seu nome, pois faleceu com apenas 7 anos e 6 meses (nº 1568 - *CIL* VI, 7914); seria, sem dúvida, filha de um liberto, pois que alguém decidiu acrescentar-lhe ao nome, já depois do epitáfio gravado, o de família: *Iulia*. E não deixa também de ser curioso o nome de seu pai, claramente atribuído a um escravo: *Amethystus* — qual preciosa ametista seria...

Sirva-nos de exemplo, quase ao acaso, a ficha nº 1531 (p. 64-65), de que tomo a liberdade de apresentar cópia da foto.

No cabeçalho, digamos assim, descrição tipológica muito sumária («lastrina funerária»); indicação do material («marmo»), dimensões, nº de inventário. Segue-se o texto de comentário mais desenvolvido: dados sobre a proveniência e sucessivos paradeiros; descrição mais minuciosa; análise paleográfica; discussão sobre a interpretação da fórmula final e justificação da leitura, que é transcrita ao lado da fotografia.

Merece-nos essa análise alguns comentários.

Em primeiro lugar, o facto de se referir que a epígrafe tem uma proveniência romana (da cidade de Roma, entenda-se), «imprecisada», «per il tramite presuntivo del c. d. «museo Menatti» di Firenze», sublinhando-se que detém «affinità com numerosi altri oggetti trasferiti insieme a Milano» (p. 64). Trata-se, sem dúvida, de uma *tabula* de *columbarium*, dadas as suas dimensões [11,6 × 22,4 × 2,9 cm] — e este é, por outro lado, um aspecto assaz interessante, no que concerne às ‘vicissitudes’ por que passaram estas minúsculas *tabulae*, facilmente retiráveis do seu contexto e mui habilmente oferecidas aos visitantes, inclusive os visitantes ilustres, pois, como se sabe, a muito príncipe e princesa e nobre que visitou Roma ao longo dos séculos, eram essas ‘lembranças’ oferecidas, com elas criando-se ‘museus’ aqui e acolá; museus que deram depois origem a museus verdadeiros ou a meras colecções que os herdeiros acabariam por dispersar. Daí, também, o interesse em se darem a conhecer esses ‘estranhos’ paradeiros<sup>1</sup>.

1. Teve Maria das Dores Girão Cruz ensejo de o salientar na recensão que fez a John BODEL e Stephen TRACY, *Greek and Latin Inscriptions in the USA. A Checklist*, New York, American Academy in Rome, 1997, em: *Conimbriga* 38, 1999, 235-238.

Em segundo lugar, apesar de, na aparência, ser epitáfio de mui fácil interpretação, pois o defunto vem identificado de forma habitual C(aius) Alfius C(aii) L(ibertus) Onirus, as três siglas finais acabaram por suscitar inúmeras dúvidas, pois para aí chegou a propor-se uma estranha frase — a(rgenti) u(nciae) (quinquaginta) — ou mesmo a identificação de um eventual dedicante, com os *tria nomina* — A(ulus) V... L... — «qui tuttavia con scarsa omogeneità con l'iscrizione», naturalmente. Propõe-se A(nnis) V(ixit) L(quinquaginta), assinalando-se — e bem — que esta grafia do L é «solitamente intesa come indizio di alta antichità», como, aliás, explica Pedro Battle<sup>2</sup>.

Indica-se, no final, a bibliografia: CIL VI, 7890, por exemplo.

Não era o caso de tecer considerações outras, v. g. de ordem onomástica, porque não é essa a finalidade de um catálogo com estas características; não há dúvida, porém, que o epigrafista se sente, de imediato, tenta-



do a avançar por aí: que outros testemunhos haverá, em Roma, de *Caii Alfii*? E esse curioso *cognomen* *Onirus* será muito frequente? Numa pesquisa rápida não o identifiquei nos dicionários; apenas o Gaffiot dá a sugestiva forma *oniros*, derivada da palavra grega «ôneiros», «pavot sauvage», utilizada por Apuleio (*Herb.* 53)!

Nada mais a acrescentar, pois, do que congratularmo-nos vivamente com os editores pelo enorme serviço prestado à Epigrafia, em particular, e à História Antiga, em geral. E dar os parabéns aos autores.

José d'Encarnação

Maria TRAMUNTO, *Concubini e concubine nell'Italia romana*, Fabriano, Fabriano Edizione, 2009, 400 pp., ISBN: 978-88-958-5504-2

*Concubini e concubine nell'Italia romana*, de la Dra. Maria Tramunto, constitueix un excellent estudi, exhaustiu i enormement ben documentat, sobre el concubinat a l'antiga Roma: què portava una parella a no unir-se en *iustum matrimonium*? Era una opció de vida voluntària o forçada socialment? Qui eren, com eren, on i quan vivien els membres d'una relació de concubinatge? Amb quins apel·latius se'ls designava, i per què? Totes aquestes qüestions, entre moltes altres, són obertament plantejades en l'estudi, i a totes

se'ls dóna una resposta convincent, laboriosament treballada i impecablement presentada.

Els estudis sobre el paper de la dona romana, la seva consideració social i jurídica, han fet córrer una bona quantitat de tinta en les últimes dècades, però l'habilitat de fer entrar en joc les dades provinents de l'anàlisi epigràfica i les dades documentals per a aportar més claredat al fenomen ja no és una cosa tan habitual. Maria Tramunto demostra magníficament fins a quin punt és útil contrastar les fonts literàries amb les fonts epigràfiques, fins a quin punt això permet de portar la recerca més enllà, de fer-la avançar per camins nous o per camins ja vells que semblaven estancats.

2. BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafía latina*, Barcelona 1946, p. 23 (fig. 28, n° 3).